



GENERAL-DE-DIVISÃO AUGUSTO TASSO FRAGOSO (1867-1945)

Cláudio Moreira Bento

O autor deste artigo é o atual ocupante da cadeira nº 12 da Academia Brasileira de História. Seu discurso de posse, ocorrido em 1976, baseou-se na interpretação aqui apresentada de aspectos da biografia de um dos mais atuantes personagens da reforma militar, base de toda a concepção doutrinária atual do nosso Exército.

SIGNIFICAÇÃO HISTÓRICA

O autor do clássico da Literatura Militar Terrestre Brasileira, *A Batalha do Passo do Rosário*, é considerado um dos grandes brasileiros do período (1889-1945). Segundo Gilberto Freyre, ele “animou os meios mais cultos com sua palavra amena e atraente”.

Foi chefe, pensador, cientista e historiador militar dos mais brilhantes, fecundos, atuantes e influentes da Primeira República, ou República Velha (1889-1930). Participou com relevo dos debates e decisões no Clube Militar que desaguiariam na Proclamação

da República, regime que viu nascer, em 15 de novembro de 1889, ao lado do seu mestre, Benjamim Constant, de quem foi aluno dileto.

Pela consolidação da República, foi ferido gravemente, a bala, no Combate da Armação e, em decorrência, promovido a capitão por ato de bravura.

Coube-lhe presidir o final da Primeira República, na qualidade de presidente da Junta Pacificadora, que transferiu o poder à vitoriosa Revolução de 1930.

No Exército, com os célebres artigos “O Estado-Maior do Exército” e “Como se Faz um Oficial

Alemão”, publicados na *Revista Brasileira*, em 1897 e 1898, ajudou a desencadear o histórico e relevante processo da Reforma Militar (1898-1945) que se seguiu à Revolta de Canudos (1897-1898).

Esse processo, do qual foi um dos maiores dínamos, artífices e líderes, arrancou o Exército dos ultrapassados padrões operacionais revelados em Canudos, e levou-o aos da Força Expedicionária Brasileira (FEB) que, na Itália, representou de modo condigno o soldado brasileiro, ao lutar contra, ou em aliança, com frações expressivas dos melhores exércitos do mundo que se fizeram representar na Europa Ocidental, na 2ª Guerra Mundial.

Por seu concurso na propaganda, proclamação e consolidação da República, chegou a ser chamado de “Enamorado da República”. Por sua atuação benemérita e relevante no Estado-Maior do Exército (EME), por quinze anos, dos quais dez como seu chefe, tem sido chamado de “Patrono Espiritual do EME”. E, finalmente, por sua marcante e importante contribuição, prestígio e valorização do estudo crítico de nosso passado militar, com vistas a dele extrair subsídios para a progressiva nacionalização da doutrina militar terrestre brasileira, foi chamado, em 1965, pelo então chefe do EME, de “Pai da História do Exército Brasileiro”.¹

1. História em sua relevante dimensão: História crítica, estudada à luz dos fundamentos da Arte do Soldado ou dos Grandes Capitães da História.

Em 21 de outubro de 1945, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), Pedro Calmon, seu orador oficial, assinalou “que nenhum dos nossos historiadores militares ultrapassou Tasso Fragoso nesse proficiente de restaurar as condições de guerra, os seus elementos, o seu potencial, as suas diretivas, os seus erros, o conteúdo humano de seus paradoxos e sua beleza externa”.

Sobre ele, em seu tempo, concluiu o acadêmico Humberto de Campos, seu coestaduano: “Primeira cabeça do Exército e uma das mais notáveis do Brasil contemporâneo e orgulho de qualquer país em que houvesse o culto das Armas.”

E ainda Pedro Calmon na ocasião acima citada, ao fazer o elogio do sócio do IHGB, Augusto Tasso Fragoso, recém-falecido:

“O General Tasso Fragoso conta-se entre esses homens superiores que podendo tudo ser na continuidade da vida triunfante, se contentam em obedecer à linha modesta de profissão e desinteresse. Às solicitações da política e do poder preferiu a fidelidade ao Exército, donde nunca saiu. Foi essencialmente um homem de sua classe.”

O seu amigo e biógrafo, Marechal Tristão Alencar Araripe, assim o sintetizou, em 1965, no Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB), sob a Presidência do General Jonas Correia: “Grande vulto nacional e valoroso soldado.”

E noutra ocasião: “O entrosamento de suas atividades profissionais e cul-

turais, voltadas para o progresso profissional do Exército foi uma constante.”

Ao falecer, recebeu do Exército esta consagradora referência através de seu Ministro: “O Exército foi a linha mestra da vida do General Tasso Fragoso.”

Por tudo é oportuno evocar, aos leitores do clássico *A Batalha do Passo do Rosário*, traços da vida e obra de seu autor, e a parte culminante dos seus escritos, relacionados com o final da obra, bem como as relevantes reflexões do histórico prefácio.

Todos eles são ricos em ensinamentos e inspirações aos soldados do Exército do Brasil, do presente e do futuro, de todas as graduações e idades, que se empenham patrioticamente em construí-lo à altura do destino de grandeza que o povo brasileiro vem lutando para construir.

NATURALIDADE — FORMAÇÃO — FERIMENTO EM COMBATE

Augusto Tasso Fragoso nasceu em 28 de agosto de 1867, em São Luiz, Maranhão, e não em 1865, como assinala Tristão Alencar Araripe. Foi pouco depois de a Esquadra Brasileira haver forçado, com êxito, a fortaleza de Curupaiti durante a Guerra do Paraguai, conflito que ele viria descrever, em 1934, de forma monumental, sob o título *História da Guerra entre*

a Tríplice Aliança e o Paraguai (5 v.).²

Tasso Fragoso era filho do comerciante português de ferragens, Joaquim Coelho Fragoso, muito conhecido na chamada Atenas Brasileira, denominação popular dada a São Luiz, pelo grande surto cultural humanístico que atravessava, infra-estruturado por um notável surto econômico.

Nesse meio adiantado de estudos humanísticos, em que era dada grande importância à beleza e à pureza da linguagem, Tasso Fragoso alicerçou estilo literário “sóbrio, claro, puro e elegante”, que ajudaram a torná-lo notável e festejado escritor militar.

Depois de passar a infância, a meninice e a juventude no Maranhão, de lá foi trazido para o Rio de Janeiro por seu tio e futuro sogro, o jornalista Temístocles Aranha (pai de Graça Aranha), para que construísse, na Capital Federal, um futuro compatível com o enorme talento que revelara, fugindo, assim, ao destino de comerciante de ferragens projetado por seu pai.

Quando chegou ao Rio, a campanha abolicionista, a propaganda republicana, a questão militar e a doutrinação positivista atingiam seus pontos máximos, em especial, na Escola Militar da Praia Vermelha, que era uma das mais renomadas irradi-

2. Obra reeditada pela BIBLIEX, em 6 volumes, entre 1956 e 1960, com melhoramentos a cargo do então Major Francisco Ruas Santos, para torná-la instrumento de trabalho ao pesquisador futuro do conflito.

doras de cultura no Brasil, a par das faculdades de Direito de São Paulo e Recife, da de Medicina da Bahia e das escolas Central do Exército e Naval da Marinha.

Tasso Fragoso, talvez por influência de oficiais do Exército que lecionavam Matemática e Física em São Luiz, havia se inclinado para a Escola Militar da Praia Vermelha. Assim, para freqüentá-la, como adido, assentou praça voluntária, em 21 de março de 1885, no heróico Batalhão de Engenheiros, sediado no mesmo edifício da Escola e de tão gloriosas tradições na Guerra do Paraguai, ao comando de João Carlos Vilagran Cabrera e, depois, de Conrado da Silva Bittencourt.

De 1885 a 1887, cursou, com brilho, a Escola Militar onde graduou-se em Cavalaria, Infantaria e Artilharia. Às vésperas da República e durante sua proclamação, freqüentava o Curso de Engenharia e de Estado-Maior em São Cristóvão. Como Alferes-Aluno esteve ao lado de Benjamim Constant, em 15 de novembro de 1889, no ato da Proclamação da República. Ficou assim em posição privilegiada entre os novos detentores do poder. Mas recusou a cadeira de deputado pelo Maranhão e ser Ministro da Viação. O Exército era o seu objetivo e deste nunca se afastou, até morrer.

Sua primeira missão de oficial foi integrar a Comissão de Demarcação da Nova Capital.

Durante a Revolta da Esquadra, no Rio de Janeiro, foi ferido a bala

no abdomen, no Combate da Armação, em 9 de fevereiro de 1894, quando comandava um contra-ataque de uma fração composta de acadêmicos voluntários e guardas nacionais. Foi dado até como morto. Recuperado parcialmente, foi promovido a capitão por bravura. À procura de solução cirúrgica para suas seqüelas, que se agravavam, foi mandado em missão à Europa, de onde trouxe a saúde e contribuições relevantes e oportunas, de grande projeção no futuro do Exército, ao contato com os exércitos alemão, francês e inglês.

Em 11 de fevereiro de 1944, data inaugural oficial da atual Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), ele destinou, à guarda de seu Museu Acadêmico, sua túnica branca perfurada a bala, acompanhada de foto do canhão Krupp e da guarnição que comandava no combate da Armação, e da carta do Presidente Floriano Peixoto, exaltando sua heroicidade e promovendo-o a capitão por bravura.³

ESTÁGIOS MILITARES NA EUROPA — REPERCUSSÕES NA REFORMA MILITAR

De 1894 a 1896, integrou, na Europa, a Comissão de Compras de Armamento e Material para o Exército, tendo como missão relatar a organi-

3. Segundo Pedro Calmon, Tasso Fragoso gastou a bala que o feriu em um alfinete de gravata, que passou a usar com imenso orgulho cívico.

zação dos serviços geodésicos da França e Prússia, nos quais aperfeiçoou o curso de Geografia e Geodésia que tirara no Observatório Nacional do Rio de Janeiro, antes de integrar a Comissão Demarcadora da Nova Capital. Desse estágio resultou, mais tarde, a contratação da Missão Cartográfica Austríaca (MCA) (1920-52) destinada a organizar o Serviço Geográfico do Exército, formar engenheiros geógrafos militares e a apoiar a Carta Geral da República.⁴

Durante os últimos meses de 1895, Tasso Fragoso estagiou na Fábrica Krupp. Nesse tempo, aprendeu alemão, assenhoreou-se da técnica de fabricação de material bélico e conseguiu uma correção cirúrgica parcial das seqüelas conseqüentes do grave ferimento recebido no combate da Armação. Durante os dois anos providenciais e oportunos de estágio na Europa, além de alemão, aprendeu francês e inglês, e inteirou-se do grande estágio atingido pela doutrina militar terrestre, comparada com a do Brasil, estagnada desde a Guerra do Paraguai, assinalando até involuções em muitos pontos, como ficou evidente em Canudos.

Ao retornar da Europa, em 1896, foi mandado servir na Comissão de Fortificações e Defesa do Litoral do Brasil, tendo feito o projeto de fortificação das praias de Copacabana

4. A Carta Geral da República, criada em 1903, foi instalada e dirigida por Tasso Fragoso, com a missão de mapear, para uso reservado do Exército, as regiões mais estratégicas do Rio Grande do Sul, missão de grande alcance e repercussão na Defesa Nacional.

à Gávea.⁵

Por essa época, 1896-97, lavrava no sertão da Bahia a Revolta de Canudos, que evidenciou o despreparo operacional do Exército e motivou a Reforma Militar (1898-95) iniciada pelo Ministro da Guerra, João Nepomuceno Medeiros Mallet, traduzida pela instalação do EME, em 1899, sob a chefia do Marechal Cantuária. Foram eventos para os quais muito influíram os seguintes artigos publicados na *Revista Brasileira* e assinados pelo capitão Tasso Fragoso, possuidor de sólido prestígio, como prócer e herói da República, de vasta e sólida cultura geral e profissional, recém-egresso da Europa que era, em contato com os mais modernos Exércitos do seu tempo.

O primeiro "O Estado-Maior do Exército" (Abr/Jun 1897) tinha, como idéia central, a seguinte afirmação: "Nenhuma instituição atual reclama e merece mais uma reforma quanto o nosso Exército."

O segundo, "Como se Faz um Oficial Alemão" (Jan/Mar 1898), criticava e apresentava sugestões para corrigir o que apontou como "um dos grandes males do Exército — o bacharelismo de dolmã e o bacharelismo da espada".

O bacharelismo do dolmã era uma alusão aos oficiais formados bacharéis em Ciências Física e Matemática pela Escola Militar da Praia Vermelha, divorciados do aprendizado e

5. Foi de sua autoria o projeto do Forte Copacabana, que mereceu, da Fábrica Krupp, os maiores elogios.

prática, de fato, da profissão das armas, sob a influência de um positivismo mal interpretado no campo militar.

O bacharelismo da espada era o dos "tarimbeiros", oficiais que fizeram carreira de modo prático nas lides da caserna e sem conhecimentos e prática doutrinária militar compatível com os avanços da Arte e Ciência Militar decorrentes da Revolução Industrial.

Dentre os bacharéis em Ciências Físicas e Matemáticas formados pela Escola da Praia Vermelha, Tasso Fragoso e Cândido Mariano Rondon são exemplos de coerência e equilíbrio na conciliação dos interesses da profissão das armas que abraçaram, do ideal positivista de ter como religião a Humanidade.

Já não se pode dizer o mesmo de muitos egressos daquela Escola, que a usaram como escada social, não se prepararam militarmente à altura, e se voltaram para atividades científicas e matemáticas, concorrendo, assim, indiretamente, talvez por omissão, para os acontecimentos de Canudos, ao custo de tantas vidas e inútil sangue derramado de irmãos brasileiros, um grande desserviço à Religião da Humanidade que muitos se diziam praticantes fervorosos.

Rondon conciliou a Religião da Humanidade com a profissão das armas, ao realizar a obra de projeção internacional em prol do índio brasileiro, ao mesmo tempo que foi aluno brilhante da Missão Militar Francesa (MMF) e não se recusou a chefiar

combate à Revolução de 24, no Paraná.

Tasso Fragoso conciliou a Religião da Humanidade (atuando sempre no sentido pacificador de conflitos intestinos e de defesa da Unidade) com a profissão das armas que escolheu, e na qual atuou mais ou menos assim, segundo interpreto: o cidadão de um país pacifista, que repudia a guerra de conquista e a luta entre irmãos, deseja, para o bem da Humanidade, que o Exército Brasileiro nunca se envolva num conflito. Mas, por outro lado, dentro da responsabilidade social de soldado desse Exército, fará tudo a seu alcance, para que ele não perca um só momento em preparar-se o melhor possível para esta triste eventualidade, tão presente e viva na História da Humanidade, a guerra.

Instalado o EME, Tasso Fragoso, com apoio na experiência que colhera do grande Estado-Maior do Exército Alemão, cuja história estudou desde a Guerra Franco-Prussiana de 1870, foi servir na 1ª Seção encarregada de editar a *Revista Militar* com o seguinte objetivo geral: "Tratar de assuntos visando ao preparo do Exército para a guerra ou para a defesa da Pátria." Vem daí sua grande influência na conquista desse alevantado objetivo.

O HISTORIADOR MILITAR TASSO FRAGOSO

Quando Presidente, o Marechal Floriano Peixoto mandou editar a *His-*

tória da Guerra do Paraguai, do Coronel Honorário Carlos Jourdan, que, como tenente do Corpo de Pontoneiros, projetara e dirigira a construção de algumas pontes da célebre Estrada Estratégica do Chaco, que permitiu, a Caxias, envolver a posição fortificada do Piquiciri e abreviar a guerra. A edição visava, segundo o Presidente citado, "a servir para os alunos de nossas escolas militares desenvolverem táticas e estratégias compatíveis com as realidades da América do Sul".

Instalado o EME, em 1899, seu chefe, tendo em mente a cultura e a vocação do Capitão Tasso Fragoso para a História, Geografia, Tática, Estratégia e Literatura, deu-lhe a missão de acompanhar a edição da obra citada na Imprensa Nacional.

A par disso, Tasso Fragoso escreveu, na *Revista Militar*, diversos artigos de alto valor, dentre eles ensaios sobre os históricos dos serviços, no Brasil, de Estado-Maior e Geofísico. Sobre o primeiro, teceu considerações ainda muito atuais, como a que "depois da Guerra Franco-Prussiana (1870), o Serviço de Estado-Maior propagou-se como elemento essencial ao exercício do comando de grandes massas militares". Ao tentar historiar a evolução do problema no Brasil, assim concluiu sua memória, que leu para a Comissão de Reforma Militar: "Quase nada, para não se dizer nada, existe publicado entre nós, sobre a História do Exército Brasileiro."

No exercício das funções de Adido Militar na Argentina (1909-11), em

período tenso nas relações Brasil-Argentina, em razão da Questão de Palmas, Tasso Fragoso foi obrigado a estudar as histórias militares do Brasil e da Argentina, pelas razões que assinalou no histórico prefácio de *A Batalha do Passo do Rosário*, sobre o qual peço que o leitor medite, por conter muitas lições permanentes e atuais e, particularmente, esta sua reflexão-contrição: "Logo aos primeiros passos da minha vida como oficial, senti com mágoa a deficiência de minha preparação histórica. Reconheci, sem demora, não só que me falecia em geral o conhecimento dos fastos da Pátria, mas, sobretudo, os seus grandes feitos militares."

De retorno da Argentina, foi encarregado de saudar o Barão do Rio Branco, no Clube Militar. Em sua oração revelou notável perfectível histórica. Enfatizou a ação do grande brasileiro na estabilização de nossos limites, sem o recurso da luta armada, e, por sustentar seus pontos de vista, com o recurso de profundos e sólidos conhecimentos de História do Brasil, que acumulou por estudos.

Em 1911-14, como comandante do 8º Regimento de Cavalaria, em Uruguiana, mandou levantar um esboço da Batalha do Passo do Rosário, cujos estudos iniciou a desenvolver.

Com a vinda da Missão Militar Francesa, Tasso Fragoso dela recebeu esta importante lição, reafirmação do que o Marechal Floriano Peixoto enunciara ao mandar editar a Guerra do Paraguai, de Carlos Jourdan: "As estratégias e as táticas sul-americanas

devem ser estabelecidas aqui. Muitas de suas bases devem ser buscadas nas campanhas militares da América do Sul. Por esta razão, a pesquisa, a elaboração e o estudo da História Militar, particularmente a do Brasil, deve ser estimulada entre nós.”

E isto se impunha para o EME dar desempenho realístico às suas funções de elaborar planos operacionais e de defesa territorial. Como não havia ainda quase nada, para não dizer nada, escrito sobre a História do Exército Brasileiro, com o então Capitão Tasso Fragoso teve ele de dar o exemplo, no sentido de pesquisar e analisar criticamente a História Militar do Brasil, com vistas a buscar, no passado militar sul-americano e brasileiro, ensinamentos operacionais e as bases das táticas e estratégias que deviam também enformar o desenvolvimento da doutrina militar terrestre brasileira, emoldurada por fatores de política interna e externa.

Foi dentro desse espírito que Tasso Fragoso lançou, em 1922, este clássico, *A Batalha do Passo do Rosário*, a maior batalha campal travada no território brasileiro, obra que marcou sua estréia como historiador militar, e que dedicou nestes termos, ao grande animador civil da Reforma Militar: “À memória do Barão do Rio Branco, cuja ação e cujos escritos são exemplos de invejável e entranhado amor ao Brasil e de intensa fé nos seus gloriosos destinos. Como testemunho de admiração e saudade.”

Dai em diante e até falecer, produziu uma série de valiosos trabalhos,

inventariados ao final deste artigo.

O outro clássico, *A História da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai*, ele dedicou: “À memória do Marechal Floriano Peixoto, soldado glorioso da Guerra da Tríplice Aliança e meu inolvidável e generoso amigo.” Era o reconhecimento que prestava à autoridade que, 40 anos atrás, mandara editar a *História da Guerra do Paraguai*, de Jourdan, visando a “desenvolver estratégias e táticas” com apoio em nossa experiência naquele conflito.

Em 1938, Tasso Fragoso lançou a *Revolução Farroupilha*, cujo sesquicentenário de início teve lugar este ano, em 20 de setembro, e cujo caráter separatista ele negou. Ele dedicou este trabalho: “À memória de todos os brasileiros que formaram no extremo meridional de nossa Pátria a frente humana indispensável para lhe assegurar a posse definitiva, cujas linhas eles balizaram com seu próprio sangue, e a todos os rio-grandense-do-sul que, num arroubo invejável de idealismo, se bateram pela liberdade na República Federativa, e baquearam para dormir o sonho eterno, na selva verdejante da planície ou da coxilha.”

Embora apóstolo da unidade e da integridade nacional, assim homenageou os farrapos: “Muitos deles caíram heroicamente na luta, sem que possamos saber-lhes os nomes e glorificá-los como merecem. Foram propagadores de grandes idéias, notadamente da organização republicana e da emancipação de escravos.”

Muitos oficiais seguiram o exemplo de Tasso Fragoso, no sentido de cobrir a lacuna que ele assinalou em 1898, acerca de que “nada havia sido escrito sobre a História do Exército”. A maioria se voltou para as diversas dimensões da História de natureza descritiva. Poucos foram os que se voltaram para a dimensão da História Militar Crítica, que é “o sustento do cérebro de um exército na paz para prepará-lo para a guerra” (segundo Foch); “a fonte do conhecimento superior da Arte da Guerra” (segundo Napoleão); “História cuja leitura objetiva é condição de êxito para o militar” (segundo Patton); e “a que domina inteiramente a conduta prática da guerra” (segundo Molke). Enfim, a dimensão exaltada pelos grandes capitães da História e ainda pouco explorada no Brasil.

O esforço iniciado por Tasso Fragoso, em 1922, tornou possível ao próprio EME, que ele chefiara por 10 anos, concretizar, em 1971, no sesquicentenário da Independência a edição da *História do Exército Brasileiro Perfil Militar de um Povo*, fruto da consolidação da bibliografia e hemerografia produzida sobre História do Exército e realizada por uma grande equipe de alunos e instrutores da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, e historiadores convidados, sob a coordenação da Comissão de História do Exército Brasileiro do EME (1971-74). Essa publicação, considerada passo importante para escrever-se a História da Doutrina do Exército Brasileiro, é

calcada em nossa experiência militar, de quase cinco séculos de lutas externas e internas, predominantemente vitoriosas, que contribuíram para configurar um Brasil de dimensões continentais, que não é obra de um milagre. É a história da doutrina de caráter crítico, que subsidiará táticas e estratégias terrestres brasileiras e outros importantes elementos do poder militar, visando ao desenvolvimento de nossa doutrina terrestre com progressivos índices de nacionalização. É a concretização do sonho visualizado e sonhado, em 1861, pelo Marquês de Caxias, atual Patrono do Exército, ao ser obrigado a adotar, com adaptações que introduziu, as Ordenanças do Exército de Portugal, até que o Brasil “desenvolvesse táticas e estratégias genuínas calcadas em sua experiência histórico-militar”. É o ponto de passagem obrigatória no objetivo de o Brasil conquistar o *status* de grande nação ou potência.

OUTRAS VIVÊNCIAS COM REFLEXOS NA REFORMA MILITAR

Especialista em armamentos e munições, foi Diretor do Material Bélico. Atribui-se a ele a introdução no Brasil, do jogo da guerra e do trote elevado. Oficial de Cavalaria, por opção, comandou o 8º Regimento de Cavalaria e as 2ª e 4ª Brigadas de Cavalaria, em Uruguaiana e no Rio de Janeiro. Chefiou a Casa Militar

do Presidente Wenceslau Braz (1914-18), considerado o “consolidador da estrutura militar do Exército, com a execução do Sorteio Militar e a extinção da Guarda Nacional, grandes passos da Reforma Militar. Deixou o EME durante a Revolução de 1932, por sustentar que a população civil devia ser preservada dos efeitos da luta. Foi Ministro do Superior Tribunal Militar, de 1938 a 1945, do qual foi Vice-Presidente cinco anos. Combatente de idéias e princípios, homem de ação e uma espécie de enciclopédia militar, influiu nas grandes reorganizações de 1901, 1914 e na ação da Missão Militar Francesa, circunscrita ao preparo do Exército, sem interferir nos seus problemas concretos. Foi um defensor da importância de cultura geral, como moldura indispensável ao chefe militar, tendo-a introduzido na Escola de Estado-Maior do Exército, que veio dar o seu nome a sua biblioteca, a qual abriga o que ele acumulou e usou em vida para seus estudos e pesquisas.

Como historiador foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Viveu para ver a FEB retornar da Itália, vitoriosa, na primeira participação militar extracontinental do Brasil, fechando com selo de ouro o ciclo da Reforma Militar, em grande parte deflagrado com seu histórico artigo “Como se Faz um Oficial Alemão”.

O grande soldado, que soube ajudar a construir o Exército da FEB, alternando a espada e a pena, faleceu aos 78 anos incompletos, em 20 de setembro de 1945, data coincidente com o 110º aniversário do início e ano do centenário do término da Revolução Farroupilha, movimento cujo sesquicentenário de início se comemora este ano, como atrás referido, e que ele soube estudar com isenção e respeito pelos que foram às campinas e coxilhas gaúchas para lutar por suas verdades.

Tasso Fragoso é estudado com maiores detalhes por seu biógrafo e grande amigo, General Tristão de Alencar Araripe na obra *Tasso Fragoso* (Bibliex 1960).

Por ocasião de seu falecimento o Exército assim se manifestou pela palavra de seu Ministro:

“Uma das personalidades mais incisivas na evolução de nossa atividade militar, verdadeira relíquia, intimamente entrosado nos fatos mais interessantes decorridos no último século de vida nacional. Foi ele verdadeiro expoente da cultura de sua classe e exuberante espírito que transbordou do meio militar, se refletiu no ambiente nacional, onde se firmou com excepcional relevo. “O EXÉRCITO FOI A LINHA MESTRA DE SUA VIDA.”

BIBLIOGRAFIA E HEMEROGRAFIA DO GENERAL TASSO FRAGOSO

BIBLIOGRAFIA

1. *A Batalha do Passo do Rosário*, Rio, Imprensa Militar, 1927, 1ª ed. A Bibliex a republicou em 1951 e ora lança a 3ª edição.
2. *A Batalha do Passo do Rosário e a crítica do Dr. Max Fleiuss*, Rio, Imprensa Militar, 1923 (acerca da polémica travada com aquele ilustre historiador secretário do IHGB).
3. *Sofismas e Contradições do Dr. Max Fleiuss*, Rio, Imprensa Militar, 1924 (ainda sobre a célebre polémica sobre a batalha).
4. *A História da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai*, Rio, Imprensa Militar, 1934, 50 (a Bibliex a republicou de 1956-61).
5. *A Revolução Farroupilha*, Rio, Bibliex, 1938.
6. *Franceses no Rio de Janeiro*, Rio, Bibliex, 1965 (2ª edição revista e comentada pelo Gen Souza Júnior).

HEMEROGRAFIA

A — Na Revista Brasileira

1. "O Estado-Maior do Exército" — abr/jun 1897, págs. 352-361.
2. "Como se faz um oficial alemão" — jan/mai 1898, págs. 50-65.
3. "Que é a Arte" — jul/set 1898, págs. 72-96 (crítica de uma tradução de *Qu'est ce l'art* de Tolstoi).

Os artigos 1 e 2 tiveram grande influência na Reforma Militar (1898-1945) do Exército. Suas redescobertas devo-as aos sócios do IHGB — Valmireth Chacon e Camarinha.

B — Preservadain: ARARIPE, *Tasso Fragoso*, Rio, Bibliex, 1960

1. "Os meus travesseiros", 1887, pág. 79.
2. "O presente de Arabela", 1888, pág. 81.

3. "Na Província", 1888, págs. 83-87.
4. Ter um ideal guardado (poesia), págs. 87-88.
5. Uma excursão à Fábrica de Ferro de Ipanema, 1899, pág. 88.
6. Correspondência com Malan d'Angrone, págs. 363-389 e 477-482.
7. Discurso na Casa do Estudante — sobre sua ação na República, págs. 289-292.

C — Na Revista Militar do EME (atual Revista do Exército)

1. Serviço Geográfico do Brasil, 1899.
2. Fabrico de pólvora sem fumaça nos EUA (tradução), 1899.
3. Tentativas de grupamentos racional do Exército, 1899.
4. Cartucho de Manobra (manejo), 1899.
5. Instruções para repulsa de tentativas de desembarque de expedições dos EUA nas costas de Cuba (tradução espanhola), 1899.
6. Operações nos arredores de Santiago de Cuba e assédio à cidade (tradução espanhola), 1899.
7. Pólvora e explosivos — Explosivos altos na guerra naval — composição, uso e valor (tradução), 1899.
8. As primeiras experiências da guerra anglo-boer (tradução inglesa), 1900.
9. Batalha de Colenso (tradução), 1900.
10. O combate de Majerstentein-Transval, 11 dez 1899 (tradução), 1900.
11. O novo reparo Krupp para canhões de marinha e costa, 1900.
12. O Serviço de Estado-Maior, 1900.
13. Os mestres da guerra (tradução francesa), 1900/1901.
14. Cálculo das coordenadas dos vértices de uma poligonal, 1901.
15. Revista de Esquadrão (tradução alemã), 1902.
16. Instituição das equações diferenciais do movimento de projéteis no ar, 1901/1902.
17. Do método nos altos estudos militares na França

e Alemanha (tradução do general Bonnal), 1903.

18. Enxertos de Balfística Externa, 1903.
19. Instrução mediante exercícios de quadros (tradução), 1907.
20. Levantamento expeditos nº 4: Bda Cav — Rio.
21. Sofismas e contradições do Dr. Max Fleiuss, 1922.
22. Palavras sobre o Mal. Bevilaqua, 1930.
23. General Alfredo Malan d'Angrone, 1931.
24. O combate de Santa Luzia (1842), 1935.
25. A Paz com o Paraguai, nº 174, 1941.

D — No Boletim Mensal do Estado-Maior do Exército

1. Pequenos exercícios de dupla ação na 4ª Bda Cav-Rio, mai/jun 1913, págs. 273-296.
2. Levantamentos expeditos na 4ª Bda Cav — Rio, em 1918 jan/abr 1913, págs. 7-17.
3. A instrução de tiro na 4ª Bda Cav em 1918, mai/jun 1919, págs. 297-302.
4. Instrumentos para facilitar a pontaria indireta, 1917, págs. 3-29 (amplamente ilustrada).
5. Tiro de verificação, 1920, págs. 1-42.

E — Na Revista *A Defesa Nacional*

1. "Exercícios no 8º RC — Uruguaiana 1913", nº 16, jan 1915, págs. 109-111; nº 17, fev 1915, págs. 136/138; nº 18, mar 1915, págs. 172-176; nº 19, abr 1915, págs. 199-203 e 239.
2. "O tiro coletivo", nº 10, jul 1914, págs. 315-319.
3. "O Serviço Militar Obrigatório", nº 12, set 1914, págs. 375-379.
4. "A propósito do milésimo", nº 35, ago 1916, págs. 354/357 e nº 36, set 1916, págs. 310/383.
5. "Nova Lei de promoções no Exército Argentino", nº 37, out 1916, págs. 3-11.

6. Um caso interessante de redução ao centro de estação, nº 43, abr 1917, págs. 214-223.
7. "Guia para o ensino da tática nas Escolas Reais Prussianas" (sobre trabalho traduzido por Klinger-Leitão de Carvalho), nº 44, mai 1917, págs. 251-254.
8. "Na seara alheia — Para rebater um golpe", nº 48, set 1917, págs. 405-409.
9. "A Guerra Científica" (Tradução de artigo da *Illustration* de 21 jul 1917), nº 49, out 1917, págs. 14-17.
10. "A nova Infantaria" (Tradução de artigo de Gustavo Baben de *Illustration* nº 2, fev 1918), nº 56, mai 1918, págs. 234-238.
11. "A missão das Classes Armadas", jan 1931, págs. 87-88.
12. Encerramento da EEM (atual ECEME), nº 217, jan 1932, págs. 5-9.
13. O combate do Rio Pardo (30 abr 1838), nº 265, jun 1936, págs. 583-603.
14. Trecho de carta sua publicada em 1914 pela revista nº 396, mai 1947, págs. 1011-1012.

F — Na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

1. A Paz com o Paraguai depois da Guerra da Tríplice Aliança, v. 174, 1939, págs. 5-334.
2. Palavras sobre o General Agustín Justo. v. 177, 1942, págs. 625/626.
3. A Revolução de 30 (memórias), abr/jun 1951, v. 211.

A Revista contém referências a sua vida e obra por Pedro Calmon, Estevão Leitão de Carvalho e outros. Além desses artigos contém referências a sua vida e obra: De Pedro Calmon (Ano 1945, v. 189, pág. 75); Do Gen Valentim Benfício (Anos 1952, v. 216, pág. 160 e 1956, v. 232, p. 180); Do Gen Estevão Leitão de Carvalho (Ano 1952, v. 214, págs. 142 e 180); e do Gen Francisco de Azevedo Pondé (Ano 1970, v. 286, pág. 24).



CLÁUDIO MOREIRA BENTO, Coronel de Engenharia QEMA, designado para o Serviço Ativo do Exército, como Diretor do Arquivo Histórico do Exército, cuja Comissão de História integra. Possui todos os cursos militares regulares e mais o de Pesquisador de História das Forças Terrestres Brasileiras e de Analista de Alto Nível EsNI. Comandou o 4º BECmb em Itajubá-MG, 1981-82, da qual é cidadão honorário, por unanimidade. É sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto de Geografia e História Militar do

Brasil e congêneres do Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Mato Grosso e das cidades de Pelotas e São Leopoldo. É membro das Academias Brasileiras de História, Rio-Grandense de Letras, Canguçuense e Itajubense de História, da Sociedade Brasileira de Geografia, da Ordem dos Velhos Jornalistas, Irmão de Santa Casa (RJ) e sócio do Instituto Bolivariano do Rio de Janeiro. Possui 16 livros e plaquetes escritos, inclusive *O Negro e descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul* (Palegre, IEL, 1975). Integrou a Comissão de História do Exército Brasileiro do EME (1971-74). Foi instrutor de História Militar da Academia Militar das Agulhas Negras 1976-80 e coordenou a construção do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, no Recife, PE, em 1971. Em elogio datado de 30 Out 1987, o Exmo Sr. Secretário do Exército Gen Bda Francisco Rodrigues Fernandes Júnior, refere a certa altura: "O Cel Bento é hoje um dos mais conceituados historiadores brasileiros, com larga e substancial produção nos campos da História Militar e da evolução da Doutrina Militar Brasileira". Dirigiu o Departamento Cultural e a Revista do Clube Militar. Fundou o Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul, que preside, em Pelotas. Em 10 de setembro de 1986, o sesquicentenário de combate do Seival. É natural de Canguçu — RS (19 Out 1931).